

CAPÍTULO 15

RESSENTIMENTO

Decclesia – Araboth, a Grande Capital – Centro de Seleção da Signios.

Em Araboth, a noite foi se aproximando, não tardou para o sol se por e os céus escurecerem. Restavam muitos poucos candidatos para demonstrarem suas habilidades. Entre os humanos, restava apenas Laz para ir à batalha, ele estava o tempo todo calado, imóvel, e extremamente calmo.

A longa espera era exaustiva. Mark e Ramon dormiam profundamente, seus ferimentos já haviam sido tratados. Gabriel novamente havia caído no sono. Senji assistia a todas as lutas, totalmente concentrado, não parecia cansado, talvez fosse outro efeito de sua habilidade natural.

Kazékiu, Silas e Goreos conversavam entre si, enquanto esperavam o tempo passar, nenhum deles parecia cansado. As horas foram passando, restava pouco mais de dez demonstrações para o encerramento dos testes quando o último humano foi finalmente convocado.

— Atenção Laz Lauxen e Jezno Erulle! Estejam prontos para o teste!
— anunciou Sonelia.

— Parece que finalmente chegou a sua vez, Laz – disse Senji. — Não que você pareça muito ansioso.

— Tanto faz... – sua expressão nem sequer mudou. — Eu estou indo, mestre Kazékiu.

— Hum... Tenha cuidado – Kazékiu parecia confiante.

Laz foi teletransportado.

— Ele tem um ar bem diferente dos outros... – comentou Silas. — Não digo só pela frieza e calma, mas a própria presença dele e a energia que emana estão em um nível diferente, chega a ser um sentimento sinistro.

— Você tem um bom julgamento, Silas – concordou Kazékiu. — Laz foi meu primeiro aprendiz. Suas habilidades e sua facilidade para aprender sempre me surpreenderam. Ele é o mais forte entre os quatro.

— Realmente – reconheceu Goreos. — Há algo diferente nele.

— Você não faz ideia... – murmurou Senji.

— O que tá acontecendo? – Gabriel acordou novamente. — Já é a vez do Laz lutar? – indagou, bocejando de sono.

— Volte a dormir – Senji acariciou-lhe a cabeça. — Não vai ter nada de mais pra ver – Gabriel ficou sem entender.

Laz ressurgiu na arena, de frente com seu oponente, um indivíduo de pele verde, um pouco escamosa, de orelhas pontudas, de olhos totalmente negros, trajado em uma roupa bem leve, carregando nas mãos um par de adagas.

Laz armou a mão na empunhadura da katana, preparando-se para sacá-la a qualquer momento. Jezno segurou com firmeza as adagas nas mãos. Se encaravam, aguardando o alerta para iniciar.

— Muito bem... – a voz de Sonelia ressoou. — Comecem!

Ao sinal a batalha começou, e chegou ao fim. Com o único passo, silencioso, Laz se deslocou numa velocidade tão grande que desapareceu, ressurgindo por trás do oponente, com a katana desembainhada.

“*Quando foi que...?!*”, indagou-se Jezno, que se surpreendeu, ao se ver cuspidando sangue. — O que...?! – não entendeu o que houve, a visão ficou turva, cambaleou para trás.

O sangue de Jezno espirrou de diversos cortes por todo corpo, ele caiu, inconsciente.

— Não me leve a mal... – embainhou a katana. — Mas não pretendo perder tempo – com frieza.

— Isso foi realmente rápido – Silas ficou pasmo. — Eu quase não consegui acompanhar os movimentos dele. Acho que vi cinco, não, talvez sete golpes.

— Foram doze golpes – constatou Kazékiu. — “*Predador Fantasma*”, essa é a habilidade dele, o que lhe dá a capacidade de se locomover em altíssimas velocidades sem exigir esforço de seu corpo. Além disso, sua estamina é praticamente ilimitada. Ele não sente fadiga e nunca chega à exaustão, mesmo que corra ou lute por mil dias sem parar.

— É uma habilidade assustadora... – admitiu Silas, ainda pasmo.

— Naquela velocidade, ele conseguiu acertar pontos ideais, sem causar dano mortal, ou atingir qualquer órgão vital – comentou Goreos. — A precisão dos ataques foi perfeita.

— Laz nunca hesita, é tão silencioso e rápido que seus oponentes caem sem nem mesmo entender o que aconteceu – comentou Senji.

— Ele é um lobo esperando pela melhor oportunidade de decepar a cabeça de sua presa! – Kazékiu gabou-se do aprendiz.

— Uma demonstração impressionante, Laz Lauxen. O parabenizo pela vitória – pronunciou Sonelia, Laz nada expressou. — Vamos para o seguinte combate, já estamos na reta final.

Laz e seu oponente foram teletransportados.

— Parabéns, Laz – disse Gabriel, com um sorriso meigo, logo caiu no sono de novo.

— Não que se importe, mas bom trabalho – Senji o parabenizou.

— Espero que meu desempenho o tenha agradado, mestre... – se ajoelhou perante Kazékiu.

— Você foi ótimo, já pode descansar – o elogiou.

— Eu o agradeço – se levantou, sentou-se e cruzou os braços, permaneceu ali imóvel e silencioso.

— Ele é bastante restrito consigo mesmo, não é? – comentou Silas. — E muito leal a você, Kazékiu.

— Os seus pais eram muito rigorosos – revelou Kazékiu. — Ele nunca teve carinho por parte deles, eram bastante indiferentes. Ele acabou se tornando uma criança solitária que se desapegou das próprias emoções. Ainda era muito jovem quando ficou órfão, mas o menino que encontrei e adotei já tinha tudo pra se tornar um soldado de sangue frio, capaz de eliminar qualquer um sem pensar duas vezes.

— É uma história lamentável – Silas esboçou indignação.

— No final, ele é apenas mais uma vítima da guerra – disse Goreos.

— Não há como discordar – concordou Senji. — Mas a verdade é que todos os que tão reunidos nesse planeta foram vítimas de alguma forma, é por isso que tão aqui, pra tentar recomeçar, quem sabe fazer algo que possa mudar essa realidade desoladora.

— Só precisamos ter fé que tempos melhores virão – Kazékiu olhava para os céus, esperançoso.

— Que suas palavras nos tragam sorte – desejou Silas.

Enquanto conversavam, os testes prosseguiram, faltava pouco para o fim. Os candidatos já estavam exaustos e acabados, aqueles com ferimentos leves recebiam tratamento em seus próprios assentos na plateia, os casos mais graves eram levados para atendimento urgente em instalações hospitalares dentro do próprio Centro de Seleção.

A noite chegava ao auge, cinco luas brilhavam no alto do céu, cercadas de milhares de estrelas. Os últimos candidatos em combate chegaram a uma resolução, o vitorioso foi declarado. Sonelia flutuou para fora do trono para um último pronunciamento.

— Com essa última demonstração, chegamos ao final dos testes realizados no dia de hoje, quero novamente parabenizar todos os candidatos por seu esforço e dedicação. Pessoalmente estou satisfeita com o que vi, e acredito que meus colegas também – pronunciou. — Nos reuniremos agora para discutir e avaliar em grupo o destino de cada um dos senhores. Retornaremos amanhã com os resultados finais. Vocês serão alertados sobre quando deverão se reunir aqui novamente, outras instruções virão posteriormente. Por hora, estão todos dispensados para descansar. Obrigado pela atenção, e repousar bem.

O espaço ao redor de Sonelia distorceu-se, teleportou-se. As projeções holográficas que representavam os outros Generais se desativaram, as luzes ao redor da arena foram se apagando, um a um os candidatos foram se retirando do local, retornando aos dormitórios para repousar.

— Foi um dia bem exaustivo – Kazékiu aproximou as mãos a Mark e Ramon, ainda adormecidos. e com um pouco de concentração os teletransportou. — Esses dois não vão acordar tão cedo. Mandei eles direto pro dormitório. Pra falar a verdade, também tô cansado – bocejou. — Parece que a idade vai pesando e o sono aumentando.

— Você ainda é jovem, Kazékiu – Silas tentou animá-lo.

— Eu tenho 157 anos, pra um humano é bastante coisa, mas ainda tô muito bem pra minha idade – ele riu.

— E uma disposição admirável – Senji colocou Gabriel nas costas.

Juntos, o grupo começou a se mover em direção à saída.

— Mas foi um dia interessante, a maioria dos candidatos tem bastante potencial, serão ótimos cavaleiros se aprovados. Acho que mais da metade deles vai passar – comentou Kazékiu.

— Pela declaração de General Sonelia é bem provável – admitiu Silas.
— Amanhã saberemos, mas seus aprendizes já tem vaga garantida, tenho certeza disso – comentou Goreos.

— Foi muito bom ter a companhia de vocês hoje, obrigado por terem vindo, espero que meu convite não tenha sido um incômodo.

— Nós acabamos de retornar, ainda não fomos designados para um esquadrão. Não temos nada melhor pra fazer mesmo – explicou Silas.

— Espero que possam participar do anúncio dos resultados.

— Pode ter certeza que estaremos aqui, também estamos curiosos para saber, apesar de eu já ter noção de quem será aprovado. Tenho alguns bons palpites.

— De qualquer forma, nos veremos aqui amanhã – constatou Goreos.
— Tenham um bom descanso.

— Igualmente – Kazékiu esboçou um sorriso gentil.

Silas e Goreos seguiram para um rumo diferente, Kazékiu, Senji e Laz continuaram a caminhar em linha reta, dirigiam-se a um edifício de cem andares, banhado em cor prata.

As ruas e os edifícios eram iluminados por luzes de neon, era uma visão magnífica e única caminhar pela cidade durante a noite. Logo os humanos chegaram ao seu quarto, Senji deitou Gabriel na cama e o cobriu. Ele espreguiçou-se e dirigiu-se a sacada para tomar um pouco de ar.

— Esse planeta é mesmo bastante confortável – Senji pensou em voz alta. — É um lugar agradável pra se viver... Não acha, Laz? – dirigiu-se ao colega, sentando sobre o parapeito da sacada com as pernas estiradas e os braços cruzados, observava o horizonte, em silêncio.

— Eu realmente não me importo com o lugar, desde que possa servir mestre Kazékiu, não faz a menor diferença.

— Não estou surpreso. Às vezes tenho inveja da sua personalidade, talvez as coisas sejam mais simples do seu ponto de vista – também se sentou no parapeito. — Laz... Acha que é errado buscar vingança?

— Não há nenhum problema nisso, mas se está falando de Izabell, não há nada pra ser feito, seu assassino já está morto.

— Eu sei... – sua voz vibrou de ódio. — Me diga, e se mestre Kazékiu fosse assassinado por um deles? Você se sentiria satisfeito sabendo que

o assassino dele já está morto? Seria o suficiente? – Laz ficou em silêncio. — O que faria pra se vingar?

— Isso é óbvio, e você já sabe a resposta... – Laz demonstrou intenções assassinas em seus olhos. — Eu mataria até o último deles!

— Foi o que pensei... – as mãos tremeram.

— Na luta de hoje... – Laz desceu do parapeito. — Você também podia ter vencido com um movimento, mas se conteve. Alimentar sua aura com uma emoção patética como raiva, é estúpido, e só vai atrasá-lo. Se não tivesse tido medo de usar toda sua força desde o começo, seria diferente, não só nessa ocasião... – caminhou para dentro do dormitório. — Vou andar pela cidade, boa sorte com seus problemas.

Senji suspirou.

— Em que posso ajudá-lo, senhor Marechal? – Senji notou a presença de Íon, que surgiu em pé sobre o parapeito.

— Desculpe aparecer sem avisar tão tarde da noite, mas gostaria de ter uma conversa em particular com você, Senji Monteroz. Se importaria de me acompanhar por uns minutos?

O humano pareceu um pouco aflito, temeu o que viria dessa conversa.

— Não, senhor... – aceitou, não muito satisfeito.

Assim dito, ambos foram teletransportados, surgiram em uma sala fechada, de paredes e piso branco, havia uma pequena mesa prateada no centro, com dois assentos para visitantes. Pendurados pelo ambiente estavam sete quadros de imagens em três dimensões de cada Marechal da história da Signios.

— Fique a vontade e sente-se, por favor – Íon dirigiu-se ao outro lado da mesa, sentou-se em sua poltrona.

Senji, ainda sério, sentou-se em uma das cadeiras.

— Relaxe um pouco, não precisa ficar tão tenso. Eu sei que já tem noção do que vamos falar, e também sei que tem motivo para não gostar, mas é preciso tratar do assunto e buscar uma solução.

— Não estou aqui como soldado, mas como pai. Serei curto e grosso. O que o senhor pretende fazer com Gabriel? – foi direto a questão.

— Ele é uma ótima criança, mas o grande poder que carrega coloca ele e todos ao seu redor em perigo. Estou ciente do que aconteceu no Éden,

e a força para se enfrentar um Comandante Lowder de igual para igual, não é para muitos. E naquela ocasião, ele estava completamente descontrolado, e pelos relatórios que li, ele provavelmente não estava usando nem metade da sua força. Estava aprendendo a usá-la, guiado pelos instintos de anolito, o instinto de alguém que nasceu pra guerrear.

— Aquilo só aconteceu porque ele viu a própria mãe morrer bem diante de seus olhos. Como esperava que ele reagisse?!

— Acalme-se. Eu estou por dentro dos detalhes, mas esse é exatamente o ponto onde quero chegar. E se algo assim acontecesse de novo? — a expressão de Senji mudou, não havia pensado na possibilidade. — E se ele perdesse o controle e não houvesse ninguém com força pra detê-lo? Imagine a quantidade de fatalidades que haveria, imagine o peso dessas mortes sobre as costas daquela criança quando ele recobrasse consciência e percebesse quantos machucou.

— Ele não faria... — Senji suou frio, hesitou em falar.

— Não há como saber o que ele faria. Se Gabriel perdesse o controle dentro da colônia e ameaçasse a vida dos civis, eu seria obrigado a pará-lo, mesmo que tivesse que tirar sua vida.

— Não vou deixar que faça isso! — o humano enfureceu-se ao escutar aquilo, levantou-se e socou a mesa.

— Entenda minha responsabilidade como um Marechal, todas as vidas nesse planeta foram confiadas a mim. Entre escolher uma ou milhões, se não houver alternativa, minha escolha será uma. É claro que eu não gostaria de fazer isso, derramar sangue de uma criança, e especialmente de uma que pode mudar o nosso futuro. Eu não o considero uma arma, e nunca o vi dessa forma, mas o seu poder, se dominado, pode ser nosso triunfo contra os lowders, pra finalmente nos colocar a frente da guerra.

— O senhor está apenas admitindo que quer usá-lo pra seu benefício!

— Não é bem assim. Estou apenas pensando no bem de todos, o que quero é que você confie a guarda de Gabriel a mim e me permita treiná-lo para que aprenda a usar seus poderes plenamente, e a controlá-los da forma mais adequada. Depois que ele já estiver pronto, se ele irá usar o seu poder a nosso favor ou não, já não é algo que eu possa decidir.

Senji se acalmou um pouco e sentou-se novamente, suspirando.

— Me desculpe, senhor... — colocou a mão sobre o rosto, as lágrimas começaram a descer contra sua vontade. — É difícil admitir, mas eu sei que o senhor tem razão, e eu me sinto frustrado como pai, porque não posso fazer nada pra ajudar meu filho.

— Não diga isso, vocês passaram por muitas coisas ultimamente. Mesmo não sendo o pai de sangue, você foi único pai que ele teve, e se não fosse assim, não reagiria como fez agora — Íon se levantou e colocou a mão direita sobre o peito. — Eu o admiro, por isso que peço que confie o seu filho a mim! Eu cuidarei bem dele, o ajudarei a controlar o grande poder dormente que possui, e prometo protegê-lo com a minha vida se necessário! Logo você se tornará um dos soldados das nossas forças, e mesmo quando estiver ausente, pode ficar aliviado, ele estará sob minha proteção, eu garanto que ficará seguro.

O humano ficou sem palavras.

— Pelo menos eu ainda poderei vê-lo?

— Sempre que quiser, não colocarei nenhuma restrição quanto a isso, não desejo separá-los. Também te darei livre acesso a minha residência, que é onde pretendo treinar Gabriel, e se estiver de acordo, posso ceder um dos meus quartos para que possa morar conosco, quando retornar de suas missões, poderá repousar lá e aproveitar mais tempo com ele.

— Acho que não é uma proposta tão ruim... — suspirou. — Talvez seja a melhor escolha... — se levantou e prestou continência. — Desculpe por minha atitude, senhor, perdoe-me por ter sido tão rude. Eu lhe confiarei à vida de meu filho, e aceitarei honrado o convite para viver em sua residência, muito obrigado pelo que está fazendo por nós! Confio em seus ensinamentos para tornar meu garoto, um grande homem!

— Não precisa ser tão formal, tenho certeza que teremos uma boa convivência. Eu agradeço muito o voto de confiança — Íon estendeu a mão. — Farei Gabriel um guerreiro do qual possa se orgulhar.

— Tenho certeza disso... — Senji respondeu, apertaram às mãos, firmando um laço de confiança mutua.

Gabriel e Senji viveriam na residência de Íon, onde o garoto seria treinado pelo próprio Marechal.

Depois da longa noite de descanso, e já quase passado metade do dia, os candidatos finalmente foram convocados para retornar ao Centro de Seleção para a entrega dos resultados. Gabriel e Senji se separaram do restante do grupo para encontrar-se com Íon em particular.

— Gabriel... – Senji se agachou na altura do menino. — A partir de hoje nós iremos morar com o Marechal, e você vai passar algum tempo sozinho com ele, enquanto o papai estiver fora em alguma missão.

— Nós iremos morar com o Marechal?! – surpreendeu-se.

— Não é incrível?! Além disso, eu ia te colocar na academia de jovens iniciantes, mas o Marechal ofereceu te treinar pessoalmente, e acho que é uma oportunidade única.

— É sério?! – Gabriel ficou chocado, ele olhou para Íon, que assentiu com a cabeça. — Isso é demais! Simplesmente incrível! Marte e Lucian vão morrer de inveja! Nem posso acreditar! – empolgou-se. — Eu... Eu amo esse lugar! Esse planeta é o melhor lugar do universo!

— Que bom que você gostou! Aposto que nem vai ficar com saudades de mim – Senji o provocou.

— Tá brincando?! – Gabriel o abraçou. — Vou esperar o senhor todos os dias! E quando cê voltar vai ter histórias ainda melhores pra me contar! Mal posso esperar! – pulava de alegria.

— Cuide-se, escove os dentes, e obedeça ao Marechal quando eu estiver fora, treine bastante e fique tão forte quanto eu.

— Eu vou ser muito mais forte que você, papai! – confiante.

— Não quero interrompê-los, mas nós já precisamos ir, Gabriel – chamou Íon. — O seu pai tem que ir para a entrega dos resultados, e nós temos que começar o treinamento. Vocês vão poder se ver mais tarde.

— Obrigado, senhor Marechal... – Senji beijou a cabeça de Gabriel, se levantou. — Seja um bom menino.

— Pode deixar! – afirmou, com um sorriso empolgado.

Senji seguiu para dentro do Coliseu, deixando Gabriel com Íon.

— Vamos indo? – eles começaram a caminhar.

— Como é a sua casa, Marechal?! – estava empolgado.

— É um lugar bem grande, tem bastante espaço lá, apesar de eu viver sozinho. Acho que você vai gostar.

— Além do meu pai, meus outros colegas podem me visitar também?!

— Por mim tudo bem. A casa também é sua agora, sinta-se livre.

— E que tipo de treinamento nós vamos fazer?

“*Ele pergunta bastante, é bem impaciente e curioso*”, pensou. — Por enquanto apenas o básico. Alguns exercícios, quem sabe um pouco de aulas de combate básico, e depois meditação.

— Meditação de novo?! Eu já fazia tudo isso na Terra! – emburrou-se.

— Nesse caso vamos fazer uma avaliação, e se eu achar que você está preparado, nós podemos avançar para o próximo passo.

— Mas eu quero mesmo saber é que tipo de técnicas você vai me ensinar!

— Eu vou ajudá-lo a explorar suas habilidades naturais para que possa aprender a controlá-las com o tempo. Claro que posso te ensinar algumas técnicas, mas não sei se são compatíveis com seu estilo.

— Eu gosto de ir de frente! Nos socos, e quem sabe uns chutes!

— Nesse caso, acho que vai dar certo! – Íon riu.

— É isso aí!

— Gabriel, me diga... Por que você queria tanto se tornar um cavaleiro da Signios? O que queria fazer indo pra guerra?

— Hum... – pensou um pouco antes de responder. — No começo, eu achei que poderia ser divertido, lutar contra vários oponentes fortes, ser o melhor de todos, e fazer várias conquistas até meu nome ser conhecido em todo o universo! E eu finalmente ia poder conhecer a superfície e ir pra vários planetas e lugares diferentes!

— Entendo... Mas alguma coisa mudou?

— Sim... – os olhos dele se encheram de tristeza, — Claro que ainda quero tudo isso, mas... O que eu mais quero é impedir que outras crianças chorem, como eu chorei quando a minha mãe morreu. Só quero que todos possam ser felizes e viver sem medo.

— Parece um bom objetivo... – Íon sorriu, satisfeito com a resposta.

Pai e filho se separavam por hora, mas mesmo seguindo para lados diferentes, tinham o mesmo destino em mente: o campo de batalha.